

# Margareth Mead diz que integrar à força é matar

ANA MARIA GONÇALVES

Sucursal do Rio

É quando analisa o problema da integração dos povos primitivos nas sociedades modernas que a antropóloga norte-americana Margareth Mead justifica a posição proemi-nente que alcançou ao longo de 50 anos de viagens e 16 livros estudando a prática da pesquisa de campo, os padrões culturais e a mudança tecnológica, organização social, educação e cultura, personalidade e cultura e a relação entre estrutura de caráter e formações sociais. Ainda hoje, aos 76 anos, a dra. Mead participa intensamente da vida universitária em seu país fazendo conferências, palestras e dando aulas diariamente, além de estar reorganizando todo o departamento de antropologia do Museu de História Natural de Nova York.

O conhecimento e experiência que adquiriu na convivência com outros povos e outras realidades não impedem, no entanto, que ela tenha uma visão extremamente particularizada dos problemas sociais, que reduz a seus aspectos especificamente culturais, e analise a realidade dos países subdesenvolvidos a partir de sua posição como membro de uma sociedade rica e liberal. A divisão da sociedade em classes não constitui fator impeditivo na integração dos povos primitivos, afirma categoricamente. Controle da natalidade e aborto são problemas exclusivamente religiosos, os conceitos políticos de capitalismo e socialismo estão ultrapassados pelo desenvolvimento tecnológico. Uma das formas de se conseguir o desenvolvimento harmonioso da sociedade seria o replanejamento urbano, com a criação de comunidades em que os banqueiros convivessem com operários e os pretos com os brancos.

No entanto, a autoridade que lhe conferem os longos anos de pesquisa junto aos povos chamados primitivos não pode ser colocada em dúvida quando diz que "a base da integração é a aceitação e integrar pessoas que não querem ser integradas significa a morte para elas". Ou quando critica uma posição muito comum de "preservação" da cultura indígena, mediante o isolamento dos grupos como se fossem "animais num zoológico". Ninguém pode negar ao índio, diz ela, "o acesso ao conhecimento e ao que de melhor a sociedade civilizada pode oferecer" e "a tarefa histórica dos antropólogos é proteger os povos primitivos da destruição e guardar os registros dos povos que estão desaparecendo sem pensar na preservação da cultura, mas também e, principalmente, na preservação das pessoas".

Dra. Mead, a senhora fala em integração, mas ela não é mais difícil numa sociedade capitalista?

"A integração não tem nada a ver com o capitalismo. Nada. A questão é como integrar pessoas numa sociedade tecnologicamente avançada, urbanizada, ocidentalizada — e usamos a palavra ocidentalizada com uma certa reserva — porque o Japão pertence à mesma categoria. Onde quer que um país esteja se urbanizando torna-se muito difícil para os povos primitivos que ainda vivem ali. É difícil de muitas maneiras. Se são nômades, tentam fixá-los. Se não são nômades e se juntam nas cidades, como acontece na África, acabam morrendo de fome. São proibidos de caçar, de ter seu próprio gado e isto significa a morte em muitos lugares. As pessoas são empurradas para as fronteiras de dois países e acho que é isto que acontece aqui, na América Latina, onde algumas fronteiras estão em lugares muito remotos e os índios ficam indo de um lado para outro. Aconteceu nos Estados Unidos com os iroqueses. Os índios iroqueses não quiseram tornar-se cidadãos americanos e podiam transitar livremente pela fronteira com o Canadá. Então veio a Guerra Mundial e todos os que estavam nos Estados Unidos e não eram cidadãos norte-americanos tiveram que se registrar como estrangeiros. Al todos reclamaram, achando um absurdo tratar índios norte-americanos como estrangeiros, mas acontece que foram eles que escolheram isso, porque queriam passar livremente pela fronteira. Este é um dos maiores problemas aqui, na América Latina. O mesmo acontece na Nova Guiné, na África e também no sudeste asiático, onde povos muito primitivos, com técnicas muito simples, atrasados em cerca de 20 mil anos, vivem nos lugares mais remotos, no meio dos desertos, no alto das montanhas e nas selvas. Quando as pessoas começam amodernizar o país e a ocupar a terra, os problemas começam. Na Austrália, por exemplo, não queriam que os povos nativos matassem carneiros, o que para estes não fazia a menor diferença, era o mesmo que matar cangurus. Então, os fazendeiros começaram a matar os nativos dando-lhes veneno. Esta é a história de como os povos civilizados agem quando encontram outros povos com uma tecnologia muito mais simples. Antigamente estes povos estavam a salvo, porque ninguém se daria ao trabalho de se internar nas florestas, exceto, — ocasionalmente —, os antropólogos, ornitólogos ou algum garimpeiro procurando ouro ou diamantes. Hoje em dia pega-se um avião e chega-se a qualquer lugar ou então joga-se desfolhantes para abrir clareiras, queimam-se e derrubam-se árvores para obter madeira e constroem-se aeroportos. Ninguém mais está a salvo. Entramos numa nova fase de destruição.

Que direito tem esses povos de escolher se querem ser integrados ou não?

"Bem, eles têm o direito que nós damos a eles. Os direitos não existem no vácuo. Uma criança não nasce com a Constituição atada ao pescoço ou tatuada na cabeça. Direitos são coisas que a sociedade desenvolve e quando a Constituição dos Estados Unidos foi criada, e o mesmo pode ser dito em relação ao Brasil, deu-se o mesmo tipo de direito a um homem adulto e proprietário e a uma criança negra do sexo feminino. Isso é um tanto absurdo, porque os direitos não dão aos adultos brancos proprietários e que os mesmos que podem dar aos bebês, que não podem se defender. De modo que não tem sentido perguntar se eles tem direito e sim se a sociedade brasileira deve dar a eles esse direito. E reconhecer isso como um dever humanitário.

Como pode um índio integrar-se numa sociedade onde não há trabalho para todos?

"Se não há trabalho, você não pode integrar a ninguém, incluindo a sua própria gente. E isso dito em vista a realidade do seu país, onde existem grandes fluxos migratórios de pessoas que não têm casas e tem que ir de um lugar para outro, marginalizadas economicamente. Elas

também não estão integradas. E o caso do enorme número de mexicanos que todos os anos vão para os Estados Unidos trabalhar nas colheitas. Nós os mandamos embora, mas eles voltam todos os anos. E isto acontece porque interessa aos fazendeiros e rancheiros, que preferem uma mão-de-obra mais barata e que tem que trabalhar para não morrer de fome. De modo que a questão do índio ter como sobreviver é a mesma de qualquer migrante, de qualquer pessoa que não seja de mão-de-obra especializada e que só possa executar tarefas simples. Isto não quer dizer que os povos primitivos não tenham capacidade de aprender rápido. Pelo contrário. Aprendem muito mais rápido que um proletário urbano, que viva num cortiço, por exemplo, e que vai progressivamente perdendo a sua habilidade de trabalhar com a madeira, de construir coisas. Um índio que viva numa floresta na Amazônia, por exemplo, que é um lugar muito difícil para se viver e requer muita experiência e habilidade, tem muito mais conhecimento do que as pessoas que vivem num cortiço ou numa favela de uma grande cidade.

Como a senhora define o problema da integração?

"É um problema global. Se você quer falar sobre integração tem que dar às pessoas todos os direitos, os mesmos que os dos cidadãos. O direito de falar a língua do País, o direito de ser alfabetizado e isso tem que ser feito na sua própria língua materna e haver pessoas que aprendam a língua e criem um alfabeto para que ela possa ser ensinada às crianças. Mas a questão dos direitos está ligada ao tipo de sociedade ou grupo. É a humanidade que estabelece quais são os direitos humanos. O problema da integração não tem nada a ver com a existência de pobres e ricos numa sociedade. Não existe sociedade onde não haja pobres e ricos. Há sociedades onde o padrão de vida é muito alto, como a Escandinávia. Onde mulheres e homens tem que trabalhar para poder pagar os impostos. A questão é se você vai ou não atribuir aos povos primitivos os mesmos direitos que têm os cidadãos brasileiros comuns. Você poderia dizer que as pessoas pobres também não têm direitos e nesse caso se trataria de dar-lhes esses direitos. Não se pode falar apenas dos índios e sim de todas as pessoas que vivem no Brasil, sobre todos os camponeses, pobres que são expulsos de suas terras pelas máquinas modernas. O problema não é o índio e sim as pessoas, de maneira geral, todas as pessoas pobres que vivem no Brasil.

E o problema do alcoolismo entre os índios que perdem os valores do seu grupo e não se integram na sociedade nacional?

"Não é a mesma coisa que o alcoolismo entre os proletários? O que acontece com as levas de pessoas que vão de um lugar para outro do Brasil procurando trabalho? Você acha que eles estão integrados? Esta é a questão. Os índios são apenas um exemplo mais dramático do que está acontecendo em todo o mundo, onde trabalhadores muito pobres, mal pagos, vaguem procurando trabalho. Enquanto o índio está na floresta e pode viver à sua maneira, ele preserva a sua dignidade. Usa as suas próprias ferramentas para obter sua própria comida e pode viver na sua própria terra, da mesma maneira que os pequenos fazendeiros que podem viver na sua própria terra, plantando e subsistindo. No Brasil existem pequenos proprietários, mas eles são muito pobres. Nos Estados Unidos a pequena propriedade está desaparecendo. Os fazendeiros que vendem leite, por exemplo, com um rebanho de 6 a 8 vacas. Estão sendo pressionados pelas exigências da saúde pública e não tem condições financeiras para satisfazê-las, e competir com as grandes empresas produtoras de leite. Fazer um estardalhaço sobre o índio no Brasil é uma maneira de desviar a atenção de outros problemas que estão ocorrendo. Se você se preocupa apenas com o índio quando se constroem estradas ou põem abaixo as florestas, você não se lembra do que está acontecendo com as outras pessoas quando as grandes empresas agrícolas de estabelecem. Você apenas olha em volta e diz que o Brasil é uma linda sociedade multiracial e multicultural, a melhor do mundo, exceto pelos índios. Daí, não se precisa pensar no que está ocorrendo com as outras pessoas. Isto ocorre muito nos Estados Unidos. Em Boston, por exemplo, onde há muito poucos negros, todo mundo está muito preocupado com o problema racial. Esta é uma maneira de escamotear problemas mais graves.

Como deveria ser conduzido o trabalho de integração?

"Antes de mais nada, tem que aprender a falar a língua da sociedade nacional. E as pessoas que vão trabalhar com eles tem que aprender a sua língua, como os missionários faziam. Mas é muito importante que no período de aprendizado da língua do país, eles continuem a falar em sua própria língua de forma que não percam o contato com seus avós. Se você esquece a sua língua, você perde o seu passado. Isso aconteceu com alguns grupos nos Estados Unidos, e, quando isto acontece, você perde o senso de dignidade, porque despreza os avós que não conseguem aprender a nova língua.

"Também se eles são alfabetizados em sua própria língua, eles ficam mais interessados em aprender. Na Nova Guiné, por exemplo, as pessoas estavam interessadas em fazer móveis e gostavam das revistas americanas que traziam gravuras de mesas e bancos. Aprenderam a construir e sentiam-se "civilizados" por se sentarem em mesas e cadeiras. As pessoas adotam muitos símbolos diferentes para dizerem que são civilizados. Em todo o Pacífico, ser "civilizado" para os homens, significa usar calças, porque todos usam sarongues e os europeus usam calças. Mas a menos que existam pessoas que lhes expliquem como é a sociedade onde estão entrando e que os respeitem, eles poderão cometer muitos erros e serem ridicularizados pelas outras pessoas, como foi o caso dos habitantes da ilha de Bali que enrolavam toalhas turcas listradas na cabeça e eram ridicularizados pelos turistas que ignoravam, naturalmente, que aqueles toalhas eram originalmente usadas com esse fim. A importação de tecnologia pelos povos primitivos é responsável por muitos enganos. Mas, não se deve ter a idéia de que os povos primitivos são ignorantes e estão adquirindo conhecimentos. Pelo contrário. Os povos primitivos têm muito mais conhecimento que a média das pessoas.